



ENTRE O PECADO E A SALVAÇÃO: OS MISTÉRIOS DO ALÉM NO SONHO DE LANCELOTE N'A DEMANDA DO SANTO GRAAL

Bianca Trindade Messias¹

Resumo:

Amor, morte e aventura, são alguns temas presentes na literatura medieval que eram transmitidas oralmente retratando a sociedade medieval com objetivo de repassar uma lição moral aos que ouviam. A narrativa *A Demanda do Santo Graal* é uma obra do século XIII de autoria anônima que se espalhou por toda a Europa com seu conteúdo mítico e misterioso cujo tema principal é a busca do Graal pelos cavaleiros da tábua redonda e somente o cavaleiro puro poderia achá-lo e ser agraciado da salvação eterna. Além disso, a narrativa caracteriza o mundo da cavalaria, enfatizando a disputa entre cavaleiros cristãos e pecadores para achar o Santo Vaso, as suas condutas e os seus pecados. O cavaleiro Lancelote é o nosso personagem de análise por apresentar múltiplos significados ao longo da narrativa, visto como pecador por viver no amor carnal, mas que foi privilegiado durante um sonho ao presenciar o Além Medieval e mudar as suas atitudes de cavaleiro pecador para cristão. Assim, pretendemos compreender os significados dos elementos do Além presentes no sonho de Lancelote e a importância deste sonho para a conversão dos fieis e a conduta cristã de acordo com os princípios eclesiais.

Palavras chaves: Cavaleiro. Além. Sonho. Lancelote.

Abstract:

Love, death and adventure, some themes are present in medieval literature that were transmitted orally portraying medieval society with the goal of passing a moral lesson to those who listened. The narrative of *The Quest for the Holy Grail* is a work of the thirteenth century of anonymous authorship which spread throughout Europe with

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Membro do grupo de pesquisa *Mnemosyne* (Laboratório de História Antiga e Medieval). Docente no Programa Darcy Ribeiro, da Universidade Estadual do Maranhão.

its contents mythical and mysterious whose main theme is the search for the Grail by knights of the round table, and only the pure knight could find it and be bestowed eternal salvation. Moreover, the narrative characterizes the world of chivalry, emphasizing the struggle between Christians and sinners knights to find the Holy Vessel, their conduct and their sins. The knight Lancelot is our main character analysis by presenting multiple meanings throughout the narrative, seen as sinful to live in carnal love, but that modified his conduct during a dream being privileged to witness the Medieval Beyond and change his attitudes from sinner to a perfect Christian knight. Thus, we intend to understand the meanings of the elements present in the Beyond dream of Lancelot and the importance of this dream for the conversion of the faithful and Christian conduct in accordance with the principles ecclesiastics.

Keywords: Knight. Beyond. Dream. Lancelot.

1. INTRODUÇÃO

Uma das belas formas para conhecer a Idade Média é por meio da literatura, através de suas narrativas que eram transmitidas oralmente transportavam os ouvintes para um lugar excepcional em que se exaltavam o amor, a aventura e a trama. Cada tema narrado tinha um protagonista importante da época, como o clero, o rei, o cavaleiro entre outros.

A cavalaria é o grupo muito presente nas narrativas literárias, ela assume uma posição de destaque na sociedade, é o estamento mais admirado nas narrativas cavaleirescas da época, em que se exaltavam as virtudes, coragem, força, glórias e pecados e impulsionavam os jovens guerreiros a seguirem a carreira militar em busca de aventuras e tornarem-se grandes heróis das histórias.

A literatura medieval é riquíssima em fontes literárias e artísticas que foram produzidas principalmente no período da Idade Média Central, essa documentação nos permite compreender diversos elementos presentes na sociedade medieval, como por exemplo, a organização social, os valores e normas de conduta dos medievos.

É importante destacarmos que a literatura possui uma relação de diálogo com a História, oferecendo um caminho para que os historiadores possam reconstruir o passado, por meio das análises das produções literárias produzidas podemos compreender os costumes e as relações sociais estabelecidas em um determinado período histórico.

As obras literárias nos proporcionam uma leitura apaixonada da realidade, dos personagens em que somos transportados para um universo imaginário por meio de seus conteúdos, formas e estilos literários. Mas afinal o que é literatura? Como ela contribui para a pesquisa histórica?

Inicialmente é necessário distinguirmos a História da literatura e de como os historiadores utilizam as fontes literárias como objeto de estudo na pesquisa histórica, pois o historiador não é um mero contador de história, mais sim um investigador do passado com o objetivo de analisar os acontecimentos de uma determinada época em seus múltiplos significados.

Aristóteles definiu a literatura como representação do mundo, mas o conceito e o uso desta palavra passaram por diversas modificações ao longo dos séculos. Primeiramente estava ligado com a arte literária e para os românticos do século XIX a literatura criava histórias utópicas que distorciam a realidade.

No século XIX os textos literários assim como outras fontes artísticas não eram considerados documentos fidedignos para atestar a verdade histórica (FERREIRA, 2009, p. 63). A literatura era interpretada como uma ficção em que suas narrativas, lendas ou mitos eram apenas imagens irreais inseridas em um mundo fantasioso. Desta forma, esse tipo de documentação foi renegado pela História pelo fato de não serem fontes “autênticas” para estudar o passado.

Somente com a renovação da História e do próprio ofício do historiador, graças a Escola dos *Annales*, que as fontes literárias e artísticas ganharam vida nas pesquisas históricas, sendo abordadas pela História das Mentalidades e depois pela História do Imaginário. Segundo Le Goff sobre este tipo de História, ela possui “[...] os seus documentos privilegiados e, muito naturalmente, esses documentos são as produções do imaginário, as obras literárias e artísticas.” (LE GOFF, 1994, p. 13).

O imaginário é um dos elementos presentes na literatura, também segundo Sandra Pesavento, constituindo-se “como um sistema de idéias e imagens de representação coletiva” (PESAVENTO, 1995, p. 9). O estudo do imaginário não se restringe apenas às imagens mentais, mas envolve as maneiras de pensar e agir de um grupo numa determinada época.

Analisar a sociedade medieval é observar os elementos materiais e imateriais que o sustentam como, por exemplo, sua organização, suas funções e características, ou seja, um conjunto de representações que, interligadas com o simbólico e o ideológico,

permitem a compreensão dos rituais e das relações sociais em que são atribuídos significados divinos.

Entendemos por representação um conjunto de símbolos que são produto de reflexos dos interesses dos grupos que os forjam. As imagens são fundamentais para se construir o real, pois, segundo Chartier “[...] a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de reconstituí-lo em memória e de figurá-lo tal como ele é.” (CHARTIER, 1990, p. 20).

As imagens não são as únicas formas de tornar visível algo que é incomum da realidade, para além delas temos também, os discursos que articulando texto/contexto nos ajudam a compreender o irreal por meio da análise dos escritos que foram produzidos pelos sujeitos históricos.

As fontes literárias são múltiplas, como por exemplo, as lendas, os mitos, as crônicas entre outras, por meio delas podemos analisar as maneiras de pensar e agir dos indivíduos pertencentes a uma determinada coletividade, “que fazem parte de um campo de representação, e como expressão do pensamento se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade” (PESAVENTO, 1995, p. 15).

A literatura é uma forma de expressão da realidade seja pela escrita ou pela oralidade, que foi e continua sendo transmitida, compartilhada e/ou apropriada pelos diferentes grupos sócias das diversas épocas e sociedades. Essa escrita leve e apaixonada impulsiona os historiadores a indagarem a realidade e os personagens que foram construídos pela narratividade.

A escrita literária e a escrita da histórica nos aproximam do passado, os autores que escrevem carregam para os seus textos a sua subjetividade e os valores da realidade social em que estão inseridos. Porém, a literatura volta-se para idealizar o mundo em que vive ou para contestá-la, enquanto “o objeto primordial da História consiste em conhecer o passado, com base em métodos academicamente legitimados, na qual o texto escrito pelo historiador estabelece as ilações que serão feitas pelo leitor” (COELHO, 2011, p. 278).

Ao analisarmos os textos literários estamos realizando uma análise da linguagem e de discurso. O discurso é muitas vezes efetivamente um produto da ordem social e não a ordem social um produto do discurso (ARÓSTEGUI, 2006, p. 220). Os discursos são construídos de acordo com as normas de conduta da sociedade e sofrem modificações

de acordo com os interesses dos grupos sociais, pois os homens são atuantes na realidade histórica.

Os textos históricos diferenciam-se da literatura, pois são sustentados pela teoria e os métodos acadêmicos. Ao utilizarmos as fontes literárias em nossas pesquisas elas devem ser contextualizadas, interrogadas e confrontadas com outros documentos para que possamos ter múltiplos significados da realidade histórica.

Pretendemos estabelecer esse diálogo entre a História e a Literatura utilizando como fonte de estudo *A Demanda do Santo Graal* uma novela de cavalaria anônima que foi produzida no século XIII, proveniente da França e pertencente à *Matéria da Bretanha*, que narra as aventuras do rei Artur e dos cavaleiros da tábola redonda.

A Demanda do Santo Graal tem como tema principal a busca inalcançável do Graal, uma espécie de vaso em que José de Arimatéia recolheu o sangue de Jesus durante a crucificação e onde Jesus bebeu na Última Ceia. A narrativa retrata também o mundo da cavalaria, exaltando os cavaleiros cristãos em oposição aos pecadores que disputam para encontrar o Santo Vaso.

Assim, nosso objetivo consiste em compreender ações e atitudes que os cavaleiros exerciam na sociedade medieval e daremos destaque ao cavaleiro Lancelote, por viver no pecado da carne, teve uma visão do Além durante a busca pelo Graal, para que ele pudesse se arrepender e se converter à religião cristã.

2. O RITUAL D'A DEMANDA DO SANTO GRAAL.

A narrativa *A Demanda do Santo Graal* está inserida na *Matéria da Bretanha*, essa é dividida em dois ciclos, primeiramente “o ciclo da *Vulgata*, atribuído a Gautier Map e composto de cinco livros: *L' estoire del Saint Graal*, *L' estoire de Merlin*, *Le Livre de Lancelot del Lac* (em três partes, escrito entre 1214- 1227), *La queste del saint graal* (1220-1221) e *La morte le roi Artu* (por volta de 1230-1235)”. (MONGELLI, 1992, p. 60).

O segundo ciclo corresponde ao da “*Post- Vulgata* é composta também por uma trilogia: a *História de Merlim* (igualmente conhecida por Huth Merlin) [...], o *José de Arimatéia* [...], e por fim *A demanda do santo graal*.” (MONGELLI, 1992, p. 61).

A Demanda do Santo Graal chegou a Portugal por volta de 1250 está localizada no códice português da Biblioteca Nacional de Viena, essa versão que iremos analisar,

ênfatizando as ações dos cavaleiros cristãos e pecadores durante a aventura para encontrar o Santo Vaso.

A busca do Graal é o tema de destaque da narrativa, e o objeto articulador que impulsiona os cavaleiros a se aventurarem nas terras distantes. Alcançar o Santo Vaso representava a salvação eterna, o repouso no Paraíso e o regresso das maravilhas e abundâncias no Reino de Logres.

Tudo começou na véspera de Pentecostes, cavaleiros de procedência variada chegam a Camelote, capital do Reino de Logres, para integrar a tvola redonda do rei Artur. (MEGALE, 2008, p. 11). Foi durante uma festa religiosa que os melhores cavaleiros do mundo se reuniram na corte do rei Artur, compondo a tvola redonda, dispostos a prestar serviços ao rei Artur. Participaram os melhores cavaleiros do mundo destacando-se a linhagem de do Rei Bam, da qual fazia parte Lancelote e o seu filho Galaaz, o cavaleiro perfeito.

A sociedade medieval estava organizada três ordens: *oratores*, *bellatores* e *laboratores*. Segundo Jean Flori (2005), cavaleiro deve ser de origem nobre e para participar da Ordem de Cavalaria deve passar pelo ritual de investidura em que um cavaleiro receberá seus armamentos e a legitimação da Igreja comprometendo-se em ser fiel a santa f e ao seu rei. No meio da nobreza surgem os grandes guerreiros e a linhagem e perpetuada de pai para filho, como por exemplo, a linhagem do Rei Bam fazendo parte dela Lancelote e Galaaz.

A Demanda começa quando os cavaleiros apreciam o Graal que surge no meio da tvola redonda, em que todos ficam maravilhados ao v-lo como está no explícito no fragmento a seguir:

[...] entrou no paço o santo Graal, coberto de um **veludo branco**; mas não houve um que visse quem o trazia. E assim que entrou, foi o paço todo **repleto de bom odor**, como se todos os perfumes do mundo l estivessem. E ele foi para o meio do paço, de uma parte e da outra, ao redor das mesas. E por onde passava, logo todas as mesas ficavam repletas de tal manjar, qual em seu coração desejava cada um. (MEGALE, 2008, p. 38). (Grifos Nossos).

O Santo Graal  carregado de um simbolismo cristão, transmite uma luz, em que aparece sobre um veludo branco e de bom odor, alimentando a todos de forma material e espiritual ficando maravilhados com as revelações de Deus. “Porém após esta

aparição, retira-se da corte devido aos pecados do rei e dos seus cavaleiros, só podendo ser encontrado pelo cavaleiro perfeito Galaaz.” (ZIERER, 2008, p. 312).

Essa aventura foi analisada por Lênia Mongelli como uma prática religiosa de peregrinação em que os cavaleiros andavam por terras distantes e ao longo de suas viagens deveriam jejuar, rezar e obedecer às regras cristãs. A narrativa possui um caráter místico, religioso e messiânico, pois os cavaleiros ao buscarem o Graal estavam purificando a sua alma para entrarem em contato com as maravilhas de Deus que seriam relevadas pelo Santo Vaso.

O objetivo da *Demanda do Santo Graal* é separar os bons dos maus cavaleiros. Cerca de cento e cinquenta cavaleiros são convocados para esta busca, porém muitos são pecadores, como o cavaleiro Galvão, e somente os cavaleiros puros de corpo e alma poderão alcançar o Graal, os eleitos Galaaz, Boorz e Persival (ZIERER, 2012, p. 37-47).

A *Demanda do Santo Graal* ajuda-nos a entender a dinâmica da cavalaria na Idade Média, em que eles exerciam o seu ofício como verdadeiros guerreiros nobres. Entretanto, alguns cavaleiros ultrapassavam as regras de cavalaria exercendo ações violentas que eram mal vistas pelos clérigos.

3. CAVALEIROS PECADORES N’ A DEMANDA DO SANTO GRAAL.

Muitos cavaleiros provenientes de muitas linhagens importantes da sociedade medieval participaram da *Demanda do Santo Graal*, mas poucos foram os que conseguiram alcançar o Santo Vaso e ter a salvação eterna. Verificamos na narrativa as ações indisciplinadas dos cavaleiros, desobedecendo às regras da Ordem de Cavalaria, da santa Igreja e praticando os setes pecados capitais.

A arte de guerrear era uma atividade exclusivamente dos *bellatores* em que exerciam o seu ofício de proteger os indefesos e aqueles que não portavam armas. Entretanto, a cavalaria era vista como terror da época por praticar as guerras privadas, “esse grupo social representava a violência, o espírito de agressão e pilhagem da época, pois qualquer pretexto era motivo para esses homens turbulentos lançarem-se uns contra os outros” (COSTA, 2009, p. 240).

Uma das práticas violentas praticadas na narrativa foram os torneios em que participaram os cavaleiros Galvão, Lancelote, Galaaz e outros. Os torneios ocorriam em campos, bosques e pastagens uma área vasta, aberta e mal delimitada. O combate era dividido em duas áreas “os de dentro” colocados em oposição de ataque “aos de fora”.

O objetivo não era matar o oponente, mas vencer o inimigo e apossar dos armamentos e cavalos dos vencidos.

A Igreja condenava severamente a prática dos torneios, vistos como jogos pagãos e por provocarem a desordem na sociedade. Além disso, reunia os sete pecados capitais que são: soberba, inveja, ódio, acídia, avareza, gula e luxúria. Sendo a luxúria o principal pecado presente na *Demanda do Santo Graal*, pois os cavaleiros ostentavam a sua posição social de serem nobres e de agradarem as damas, desviando-se da verdadeira aventura de achar o Graal.

Um dos principais cavaleiros pecadores na demanda foi o cavaleiro Galvão, esse após a aparição do Graal na Távola Redonda se comprometeu diante de todos a fazer parte desta missão:

Quanto em mim é, **prometo agora a Deus e a toda cavalaria** que, de manhã, se meu Deus quiser atender, entrarei na demanda do santo Graal, assim que a mantereí um ano e um dia, e porventura mais; e ainda mais digo: jamais voltarei à corte, por causa que aconteça, até que melhor e mais a meu prazer veja, o que ora vi; mas se não puder ser, voltarei então. (MEGALE, 2008, p. 39). (Grifos Nossos.)

O cavaleiro Galvão foi o primeiro a entrar na Demanda, se comprometendo diante de Deus e de toda cavalaria de resgatar o Santo Vaso, além disso, incita os companheiros a participarem de tal missão e partiu de manhã sem prestar o juramento que os demais fizeram perante o rei Artur.

Durante os preparativos da Demanda apareceu uma donzela feia na corte do rei Artur e essa lhes pediu que cada um empunhasse a espada, para que ela pudesse ver as maravilhas que iriam acontecer com os cavaleiros e depois aconselhá-los sobre o que deveriam fazer para alcançarem o Graal.

Assim, rei Artur fez conforme o pedido da donzela, passou a espada de mão em mão e ao chegar às mãos de Galvão eis o que foi revelado: “E então a pegou Galvão, e logo que a sacou da bainha, **ficou toda coberta de sangue**, de uma parte e da outra, tão quente e tão vermelho, como se sacassem do corpo de homem ou de chaga.” (MEGALE, 2008, p. 42.) (Grifos Nossos.)

Vários sinais são revelados que Galvão iria trazer sofrimento para esta demanda, no caso do fragmento acima a espada que ficou coberta de sangue, revelando que Galvão iria matar vários de seus companheiros nesta Demanda. O rei Artur pelo amor que tinha pelo seu sobrinho pede-lhe para não ir, mas Galvão com todo seu orgulho ignora o

pedido de seu tio, desrespeitando as ordens de seu rei e acima de tudo os sinais que foram revelados.

Assim, conforme os sinais foram revelados e com sede de vingança e de ódio o cavaleiro Galvão lutou contra os companheiros da própria tábua redonda matando-os sem dor e sem piedade. Agindo de forma contrária as regras da cavalaria e a de Deus, Galvão derramou sangue de vários companheiros como Patrides, Erec, Ivam, Rei Bandemaguz, Lamorante, Palamades entre outros.

Concebemos Galvão como um verdadeiro exemplo de cavaleiro pecador, “o que chama a atenção na sua personalidade é a facilidade com que ele resolve os conflitos, passando inescrupulosamente por cima dos obstáculos e tomando decisões sempre a favor do mal” (MONGELLI, 1995, p. 130).

Os cavaleiros tinha o pleno arbítrio em escolher o caminho do mal ou do bem, nos momentos de maior aflição os cavaleiros encontravam-se com os eremitas, que conhecia muito bem o ofício da cavalaria e esses a deixaram para viverem em plena contemplação a Deus. O papel dos eremitas eram ouvir a angustias dos cavaleiros e aconselhá-los de acordo com os ensinamentos cristãos para se arrependem de seus pecados e obtiver de forma pura o Graal.

Os cavaleiros desviaram-se da verdadeira missão em resgatar o Santo Vaso, como o cavaleiro Galvão, mas ao longo da narrativa verificamos que muitos cavaleiros foram colocados a prova de Deus e receberam mensagens divinas através dos sonhos para que pudessem se redimir de seus pecados e poucos foram os que se converteram à religião cristã, como por exemplo, Lancelote.

4 OS MISTÉRIOS DO ALÉM MEDIEVAL NO SONHO DE LANCELOTE

Lancelote era o melhor cavaleiro do mundo era um exemplo de cavaleiro cortês da época, que exerciam suas ações de um bom homem pelo fato de cortejar uma dama casada e participar de torneios onde demonstrava a sua habilidade com as armas. Percebemos que Lancelote reunia as características de um cavaleiro mais próximo do “real” no século XIII.

A *Demanda do Santo Graal* difundiu o cavaleiro ideal cristão, aquele totalmente voltado para os interesses da Igreja Católica, porém Lancelote era um modelo de cavaleiro cortês.

A diferença básica entre o cavaleiro cortês e cristão e que o primeiro deve provar o seu valor através de uma série de aventuras e a aventura por si mesmo é capaz de enobrecê-lo. O cavaleiro cristão já é um modelo distinto. Num momento de centralização do poder régio muitas vezes com o apoio da Igreja Católica era importante o controle desta nobreza turbulenta que desde o fim do século XI a Igreja buscou dar uma atribuição divina, transformando-os em cavaleiros de Cristo através dos ideais das Cruzadas. (ZIERER, 2008, p. 316)

Lancelote vivia no pecado carnal por amar a mulher de seu rei, a rainha Genevra, além disso, ele traía a própria confiança que o rei Artur tinha por ele. Desta forma, Lancelote, assim como vários cavaleiros que participavam da Demanda era pecador e não alcançaria o Santo Vaso.

Entretanto, o destino não condenaria o bravo cavaleiro. Lancelote recebeu a graça divina durante um sonho. O sonho consiste em uma, “forma um conjunto que age pela união da visão e da palavra, da visão e da audição. As aparições oníricas falam e suas palavras claras ou obscuras, evidentemente fazem parte da mensagem.” (LE GOFF, 2002, p. 512)

Percebemos na citação acima que o sonho envolve todos os sentidos daquele que está sendo agraciado por receber uma revelação divina. Os sonhos são muito presentes na narrativa *A Demanda do Santo Graal*, em que alguns cavaleiros foram privilegiados em ver a manifestação de Nosso Senhor, com a intenção de guiá-los para o caminho da salvação.

Durante as aventuras da Demanda em busca do Graal eis o que foi revelado à Lancelote durante um sonho

Parecia-lhe que chegava a **um rio o mais feio e o mais espantoso que nunca vira e que não poderia alguém entrar nele que não fosse morto. E ele olhava o rio e não ousava nele entrar, porque o via cheio de cobras e de vermes que não há quem quisesse beber**, que logo não fosse morto, tanto estava a água envenenada deles. E ele estava olhando o rio e persignava-se da maravilha via. Nisto, via sair **um homem que trazia mui rica coroa de ouro em sua cabeça e andava todo cercado de estrelas**. [...] Depois vira sair daí outro **magro e infeliz, pobre e cansado e que não tinha coroa, e tão mal vestido e tão mal trajado**, que se os outros que antes saíram do rio pareciam ricos, este parecia pobre e mal-aventurado e desejoso de todo bem. (MEGALE, 2008, p. 203-204) (Grifos Nossos).

Essa passagem citada acima traz as características do Purgatório, esse é um espaço transitório entre o Inferno e o Paraíso, segundo Le Goff, “o purgatório seria o

gesto de suplício que permitiria distinguir os torturados do purgatório dos condenados do Inferno e as chamas do fogo temporário das chamas do fogo eterno.” (LE GOFF, 1994, p.152).

São perceptíveis no fragmento os elementos que compõem o Purgatório como a presença de um rio feio, espantoso ocupado por vermes e cobras no qual ninguém ousaria beber, sendo a punição para aqueles que se encontravam neste lugar, viver eternamente na sede, em que as almas sofreriam punições “leves”.

Após sofrer neste espaço a alma poderá ascender para o Paraíso como ocorre com o homem que trazia uma coroa mui rica de ouro em sua cabeça e andava cercado de anjos. A Idade Média é fortemente marcada pela devoção aos anjos, vistos “enquanto potência divina, guardião do povo cristão, combate contra o demônio e protetor do Império” (FAURE, 2002, p. 71).

Os anjos são inseparáveis das manifestações divinas, dois aspectos destacam-se nessa figura: o guardião combatente e o guia da alma. O guardião combatente está relacionado com a formação guerreira de São Miguel, o combate sem trégua entre anjos e demônios e o anjo guia ganha importância em razão da salvação pessoal.

Em contrapartida, um homem magro, infeliz ainda purgaria os seus pecados e o medo toma conta dele, de ser esquecido por aqueles que se encontravam no Paraíso. Assim fica Lancelote ao ver o desespero do homem infeliz, de ninguém se lembrar da sua linhagem.

Após esta visão Lancelote vivenciou o precipício do Inferno

E ele olhava na cova e via uma grande **cadeira de fogo tão acesa, como se nela queimasse todo fogo no mundo**. E no meio daquele fogo havia uma cadeira em que sentava **a rainha Genevra toda nua** e suas mãos diante do peito, e estava descabelada e tinha língua puxada fora da boca, e queimava-lhe tão claramente como se fosse uma vela grossa, e tinha na cabeça uma coroa de espinhos que ardia à grande maravilha e ela mesma queimava em todo corpo ali onde sentava. (MEGALE, 2008, p. 205) (Grifos Nossos).

A principal característica do Inferno é a escuridão e a presença do fogo, que queimava as almas por estarem em pecado e encontravam-se nuas, assim, Lancelote vê a sua amada que sofre as punições por viver no pecado carnal.

Esse espaço é ocupado pelos demônios que atormentam as almas. Lancelote observa esses seres malignos que acompanham Morgana nesse lugar, representando toda a maldade que a Morgana exerceu na vida terrena, perpetuando-se no Inferno.

Segundo os textos bíblicos a mulher está mais predestinada ao mal do que o homem, devido ao pecado original de Adão e Eva, assim a mulher é vista como tentadora ao persuadir o homem a praticar o mal e associada a figura do diabo. Morgana é um verdadeiro exemplo de mulher pecadora na sociedade medieval que espalhou a maldade no mundo e encontrava-se no Inferno conforme a justiça divina.

Segundo Heitor Megale o Graal foi o elemento articulador que reuniu os melhores cavaleiros do mundo para alcançarem o Santo Vaso, mas existia também o elemento desarticulador que agia de forma contrária aos princípios cristãos e corrompia a Ordem de Cavalaria.

A principal força demolidora da Demanda foi a besta ladradora, ou seja, o diabo que desvia os cavaleiros da sua missão, sua forma era esta: “um homem mais negro que o pezo, e seus olhos vermelhos como as brasas.” (MEGALE, 2008, p. 101).

Os relatos medievais estão cheios da presença do diabo, este aparece em várias formas, seja um animal, ou até mesmo uma mulher sedutora. O diabo é uma criatura que espera uma oportunidade para intervir na vida terreal e espiritual dos medievos, principalmente, quando eles estão fragilizados e predestinados a fazerem o mal.

Representado na literatura, na arte e no teatro, a figura desse ser maligno proporciona medo e terror, “ele é associado com certos lugares e a determinadas horas do dia. A direção dele é norte o domínio da escuridão e do frio penal [...]. O diabo prefere o meio dia e a meia noite, mas também gosta de crepúsculo.” (RUSSELL, 2003, p. 66-67).

Durante a busca do Graal vários sinais desse ser maligno vão surgindo, os cavaleiros seguiram-no com a certeza de essa ser a maior maravilha do mundo, porém sem sucesso, somente Palamades, um cavaleiro que era muçulmano, consegue matá-la após a sua conversão ao cristianismo, demonstrando que a força do Bem combate o Mal.

O mundo medieval é apresentado de forma dualista o bem versus o mal, Deus versus o diabo, essa dicotomia é presente na narrativa *A Demanda do Santo Graal* “[...] o padrão impõe, obviamente, o bem, Deus. O cavaleiro sempre se encontra diante de alternativas a provocar atitudes de acatamento ou de desvio do padrão.” (MEGALE, 1992, p. 63).

A descrição do Inferno provoca medo para quem ouvia o relato e para quem vivenciava os seus tormentos, como Lancelote, e os eclesiásticos dão ênfase nesse lugar ao longo dos seus sermões com o objetivo de lembrar aos fiéis a forma como eles devem se comportar no mundo terreno. Além disso, o discurso da Igreja fortalecia o seu

poder sobre a ordem vigente, *oratores, belatores e laboratores*, “assentando a sua dominação sobre os cristãos e justificando a ordem do mundo pelo qual ela vela” (LE GOFF, 2002, p. 30).

Durante a sua visão Lancelote teve o privilégio de entrar numa horta,

[...] a mais famosa e a mais viçosa que nunca vira; **e via gente tão formosa e tão bem vestida, que maravilha era, e lhe parecia que estavam todos tão alegres e tão viçosos**, como se cada um tivesse o que pudesse pensar. E não havia ninguém que não tivesse coroa de ouro na cabeça, tão formosa e tão rica, que maravilha era como aparecia. (MEGALE, 2008, p. 206) (Grifos Nossos).

A citação acima nos mostra os elementos do Paraíso, marcado pela alegria, claridade e nesse lugar Lancelote viu Rei Bam de Benoic, seu pai, e Helena que foi Rainha de Benoic, sua mãe. Segundo Baschet “os mortos podem retornar aqui em embaixo ou, ao menos, aparecer para os vivos, geralmente para reclamar uma ajuda ou para advertir sobre o destino do além- túmulo.” (BASCHET, 2006, p. 389).

Assim, Lancelote se maravilha ao ver os seus pais e ambos o aconselham a se redimir de seu pecado com a rainha Genevra, pois se continuasse no pecado carnal a sua alma sofreria nas profundezas do Inferno devido o pecado do adultério.

Ao acordar Lancelote busca um eremita para decifrar o seu sonho. Os eremitas deixaram de viver entre os homens para contemplarem a Deus, eles são os verdadeiros aconselheiros dos cavaleiros ao longo da Demanda.

O eremita sabia que aquele que ia ao seu encontro era Lancelote do Lago, pois estava em aflição, por amar mais a rainha Genevra do que a si mesmo e encontrava-se na dualidade entre se redimir de seu pecado ou continuar no pecado carnal.

Quando Lancelote dormiu novamente teve outra visão e viu Ivã, o bastardo, Isolda e Tristão todos gemendo, gritando e envolvidos pelo fogo. Lancelote não acreditou que aquele fogo era do Inferno, então Isolda

[...] chegou a ele e deu-lhe com um dedo na coxa. E Lancelote despertou-se e deu um grito tão dolorido, que não foi senão maravilha, porque sentiu que lhe **doía a coxa tão violentamente e que o fogo era já tão forte**, que nunca sentiu aflição nem dor, nem nada tanto, que lhe não parecesse esta maior. (MEGALE, 2008, p. 213). (Grifos Nossos)

Percebemos a relação entre o corpo e a alma “a Cristandade concebia a relação entre corpo e alma de modo dialético que se justifica pela convicção da unidade da

pessoa humana” (SCHMITT, 2002, p. 258). Segundo os clérigos para alcançar o Paraíso o homem medieval devia manter o corpo e alma puros que são expressos de acordo com os atos praticados na vida terrena.

Descrever o destino infernal reservado aos amantes parece profundamente coerente com a intenção doutrinário-pedagógica da Demanda. (MONGELLI, 1995, p. 124). Lancelote passa por um processo de transformação em que o seu arrependimento é o primeiro passo para alcançar a salvação.

Revelar o destino das almas após a morte era um dos objetivos da *Demanda do Santo Graal*, para que os cavaleiros conheçam as características do espaço infernal e paradisíaco e pudessem escolher o melhor caminho para exercerem o seu ofício de guerrear, obedecendo às regras da cavalaria e da Igreja.

Lancelote passou por um processo de transformação espiritual ao se arrepender de corpo e alma do seu pecado e se converteu à religião cristã. Como bom cristão o cavaleiro se confessou diante de um eremita, praticou a penitência, jejuou, foi a Igreja e ele não entrou no lugar onde estava o Graal revelando o seu respeito e penitência diante do ambiente sagrado.

Assim, Lancelote é um cavaleiro que atende as perspectivas da narrativa, pois concebemos essa novela como um manual pedagógico que foi transmitido oralmente nas cortes para que os cavaleiros pudessem distinguir o bem e o mal e guerrear de forma justa, estabelecendo a paz na sociedade medieval.

CONCLUSÃO

Os mistérios do Além medieval sempre estiveram presentes no imaginário cristão, pois os medievos tinham as dúvidas do destino da alma após a morte se iriam para o Inferno, Purgatório ou Paraíso e de como eles deveriam se comportar na vida terrena para alcançarem o repouso eterno ao lado do Pai.

A literatura medieval é riquíssima ao descrever a sociedade medieval, as relações sociais e os elementos divinos que carregam significados simbólicos e eram transmitidas oralmente para um público específico com o objetivo de ensinar uma lição moral para que os medievos pudessem mudar suas condutas por meio dos exemplos dos personagens literários.

A *Demanda do Santo Graal* é uma obra que descreve o mundo da cavalaria e suas aventuras, essa narrativa foi transmitida oralmente nas cortes com o objetivo de impulsionar os jovens guerreiros a participarem da Ordem de Cavalaria para que

pudessem encontrar as maravilhas ao longo de suas andanças como ocorreu com os cento e cinquenta cavaleiros da tábola redonda.

Revelar os perfis dos cavaleiros presentes na obra *A Demanda do Santo Graal* era uma estratégia da narrativa para que o público pudesse se identificar com esses homens e seguir os seus exemplos de conduta ou para mudar o seu comportamento nesta vida terrena para que não viesse a sofrer as punições dos cavaleiros pecadores.

Assim, destacamos três modelos de cavaleiros. Primeiramente o cristão era o mais idealizado pela Igreja, suas características definem-no como um guerreiro perfeito, que não peca em ato e nem em pensamento. O principal representante deste modelo ideal é o cavaleiro Galaaz, puro de corpo e alma e agindo conforme as regras de cavalaria e de Deus foi agraciado de achar o Graal, juntamente com Persival e Boorz.

Em oposição ao modelo de cavaleiro cristão temos o pecador, a sua atitude é sempre a favor do mal, ou melhor, do diabo, suas ações alegram-no por espalhar a maldade no mundo e fazer reinar o mal na humanidade.

Galvão é o exemplo de cavaleiro pecador, advindo da nobreza ele disputa com os membros da tábola redonda pelas conquistas de glórias, fama, ascensão social, para alcançar qualquer desejo. Ele foi traidor com o seu próprio rei que depositou a confiança nele, foi mentiroso perante o seu próximo, e acima de tudo matou aqueles que estavam agindo contra os seus interesses.

O último modelo a definir é o do cavaleiro Lancelote, esse encontrava-se em uma fase de transição espiritual e ao mesmo tempo estava interligado com o modelo cristão e pecador, pois ao se encontrar nessa mediação ele deve escolher entre continuar pecador ou alcançar o perfil cristão.

Lancelote, o melhor cavaleiro do mundo, encontrava-se na dualidade entre continuar com o seu amor com a rainha Genevra ou se arrepender para alcançar a salvação. Vivendo no pecado carnal, Lancelote ao ingressar n' *A Demanda do Santo Graal*, foi agraciado por Deus ao receber uma visão do Além durante um sonho, presenciando principalmente o Inferno, ao ver o sofrimento de sua amada.

Revelar o destino das almas após a morte era um dos objetivos da *Demanda do Santo Graal*, para que os cavaleiros conhecessem as características do espaço infernal e paradisíaco e pudessem escolher o melhor caminho para exercerem o seu ofício de guerrear obedecendo às regras da cavalaria e da Igreja.

O Paraíso é o lugar desejado por todos, mas para alcançá-lo o homem medieval deve enfrentar o campo de batalha entre os vícios e as virtudes. A imagem do diabo é

sempre presente na sociedade que visa atormentar os homens para que eles caíam no pecado, porém os medievos não estão sozinhos nesta luta contam com a ajuda da Igreja “que visa liberar os homens do pecado, protegê-los do mal e mantê-los no correto caminho que leva à sociedade.” (BASCHET, 2009, p. 376).

Para alcançar o arrependimento o cavaleiro deve antes de tudo confessar a suas faltas para um sacerdote, esse conceberá a penitência que deve ser cumprida rigorosamente para obter o perdão. A fase mais difícil corresponde à conversão ao cristianismo, em que o cavaleiro deve se distanciar de todos os pecados mundanos e lutar para não cair na tentação.

Lancelote não era o modelo ideal de cavaleiro cristão como o seu filho Galaaz e nem pecador como o Galvão, porém é difícil definir o perfil dele devido ao seu amor carnal com a rainha Genevra, se ele alcançou o ideal cristão, ou voltou a ser pecador. Segundo Neila Souza (2011) Lancelote é um modelo oscilante, ou seja, um modelo possível de conversão ao cristianismo.

O cavaleiro Lancelote obteve a graça de conhecer o Além Medieval, com o objetivo de conhecer os lugares para onde as almas vão após a morte e transmitir a todos sobre as coisas vistas e sentidas, visando uma transformação comportamental e espiritual principalmente em relação à Igreja.

O objetivo do sonho era que Lancelote pudesse se redimir de seu pecado. Como prova de seu arrependimento, o cavaleiro se confessou diante de um eremita, jejuou e acima de tudo não entrou no ambiente em que se encontrava o Santo Vaso, pois somente os puros de corpo e alma poderiam receber as graças.

A Demanda do Santo Graal é um manual pedagógico em que se valorizam os princípios cristãos para que os cavaleiros pudessem se arrepender de seus pecados e seguirem uma vida justa baseada nos ensinamentos dos eclesiásticos. Descrever a força, coragem, o amor carnal presentes em Lancelote o aproximavam da realidade da cavalaria, pois muitos eram pecadores e encontravam-se na dualidade em arrepender-se de seus pecados ou continuar na vida mundana.

Observando o processo de conversão do cavaleiro Lancelote e temendo o destino infernal, muitos guerreiros passaram por um processo de disciplinarização ao mudar o seu comportamento diante da Igreja e da sociedade para que suas atitudes estivessem em equilíbrio, obedecendo aos clérigos e esforçando-se para não caírem nos pecados mundanos.

Portanto, *A Demanda do Santo Graal* expressa os modelos de cavaleiros pecadores em oposição aos cristãos. Poucos são os que alcançaram o Graal e se arrependeram de seus pecados, como o cavaleiro Lancelote que vivenciou o Além Medieval para salvar a sua alma tornando-se um exemplo de conduta para a cavalaria.

Bibliografia:

Fonte primária

MEGALE, Heitor. **A Demanda do Santo Graal**. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso, 2008.

Obras teóricas

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COELHO, Maria Filomena. As Tramas da Narrativa: história e literatura. In. FEITOSA, Márcia Manir M., ZIERER, Adriana. (orgs.) **Literatura e História antiga e medieval**. São Luís: EDUFMA, 2010, p. 277- 298.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In. LUCA, Carla Tânia Regina de, PINSKI, Carla Bassanezi (orgs.). **O historiador e suas fontes**. BAURU, SP: Contexto, 2009, p. 61- 91.

LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

PESAVENTO, Sandra. Em Busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário.

Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 15, n. 29, 1995.

Obras gerais

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: Do ano mil à civilização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

D' HAUCOURT, Geniève. **A vida na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Obras específicas

COSTA, Ricardo da. O projeto civilizacional cristão para conter as pulsões agressivas e a violência da cavalaria medieval. In: BUSTAMANE, Regina Maria da Cunha, MOURA, José Francisco de. **Violência na História**. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2009, p. 237- 248.

DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo** (1978). Tradução portuguesa. Lisboa: Estampa, 1982.

FAURE, Philippe. “Anjos”. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Trad. de Hilário Franco Júnior. São Paulo/Bauru: Imprensa Oficial/ EDUSC, 2002, v I, p.69-81.

FLORI Jean. **A cavalaria**. A origem dos nobres guerreiros da Idade Média, São Paulo: Madras, 2005.

LE GOFF, Jacques. Além. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Trad. de Hilário Franco Júnior. São Paulo/ Bauru: Imprensa Oficial/ EDUSC, 2002, v I, p.21-33.

_____. Sonho. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Trad. de Hilário Franco Júnior. São Paulo/ Bauru: Imprensa Oficial/ EDUSC, 2002, v I, p.511-520.

MEGALE, Heitor. **O jogo dos anteparos**. A demanda do Santo Graal: a estrutura ideológica e a construção da narrativa. São Paulo: T. A. Queiroz, 1992.

MONGELLI, Lênia Marcia. **Por quem peregrinam os cavaleiros de Artur**. Cotia, São Paulo: Íbis, 1995.

_____, Lênia Márcia. A novela de cavalaria: *A demanda do Santo Graal*. In: MONGELLI, Lênia Márcia; MALEVAL, Maria do Amparo e VIEIRA, Yara F. **A Literatura Portuguesa em perspectiva**. São Paulo: Atlas, 1992, p. 55- 78.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. 2º ed. São Paulo: EDUSC, 2002.

SCHMITT, Jean-Claude. Corpo e Alma. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Trad. de Hilário Franco Júnior. São Paulo/ Bauru: Imprensa Oficial/ EDUSC, 2002, v I, p.253-267.

SOUZA, Neila Matias de. *A Demanda do Santo Graal* e o melhor cavaleiro do mundo. In: ZIERER, Adriana (Org), com a colaboração de SOUZA, Neila e GOMES, Flávia Santos (Colabs). **Uma Viagem pela Idade Média**. Estudos interdisciplinares. São Luís, Ed. UEMA, 2010, p. 247-261.

_____. **Modelando a cavalaria: uma análise da Demanda do Santo Graal (século XIII)**. Dissertação de Mestrado em História. Niterói, Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2011.

ZIERER, Adriana Maria de Souza. O modelo de cavaleiro n' *A demanda do Santo Graal*. In. OLIVEIRA, Terezinha (org.). **Antiguidade e Medievo: Olhares Históricos. Filósofos da Educação**: Maringá, Eduem, 2008, p. 311- 329.

_____. Virtudes e Vícios dos Cavaleiros n' *A Demanda do Santo Graal*. In: MONGELLI, Márcia (Org.). **De Cavaleiros e Cavalarias. Por terras de Europa e Américas**. São Paulo: Humanitas, 2012, p. 37-47. Disponível em: <http://editora.fflch.usp.br/sites/editora.fflch.usp.br/files/37-47.pdf>

Acesso em 30/01/2013.